

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

ATA Nº 019

PRESIDENTE - DEPUTADO NATANIEL DE JESUS

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Em nome desta augusta Assembléia Legislativa, declaro aberta a presente Audiência Pública, requerida pelo Deputado Nataniel de Jesus, com o objetivo de debater o Projeto de Lei nº 32/03, que cria a Ouvidoria do Sistema Penitenciário do Estado de Mato Grosso.

Quero convidar para fazer parte da Mesa: o Coronel José Bento Martins Filho, Secretário Adjunto do Sistema Prisional de Mato Grosso; o Coronel Jarbas de Souza, Superintendente do Sistema Prisional de Mato Grosso; a Sr^a Odilza Sampaio, Presidente da Associação de Famílias Vitimas da Violência; o Pastor Osvaldo Liberato dos Reis, que faz parte do trabalho de evangelização dos presídios Pascoal Ramos e Carumbé.

Nós queremos agradecer as presenças do Major Reinaldo Magalhães de Moraes, Subcomandante do Batalhão de Guarda; da Sr^a Nívea de Carvalho, representando as obreiras da Igreja Universal; do Sr. Jorge Itamar, 1º Secretário da Câmara Municipal de Campo Novo do Parecis; da Sr^a Lindacir Bernadon, Coordenadora da Pastoral Carcerária; da Dr^a Betsey de Miranda, Presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB; do Dr. Dilton Matos, Diretor do Presídio Pascoal Ramos; do Sr. Ricardo Jorge Cardoso, participante da Igreja Universal do Reino de Deus; do Sr. Faustino Corrêa de Moura, participante da Igreja Universal do Reino de Deus; do Sr. Joni César de Araújo, participante da Igreja Universal do Reino de Deus; da Sr^a Maria Fátima de Carvalho, representante das Obreiras da Igreja Universal do Reino de Deus; do Sr. Paulo Bonassa, representando a Deputada Verinha Araújo; da Sr^a Vilma Gonçalves, participante da Igreja Universal do Reino de Deus.

Nesta tarde vamos debater um assunto, acredito eu, de mais alta importância para a sociedade mato-grossense. Importante, porque direta ou indiretamente afeta todas as famílias que aqui residem.

Trata-se da criação da Ouvidoria do Sistema Penitenciário do Estado de Mato Grosso, Projeto de Lei de nossa autoria que tramita na Assembléia Legislativa e visa buscar mecanismos que, se não resolverem por completo a angústia daqueles que vivem encarcerados, trazendo reflexos nefastos, inclusive, a suas famílias, pelo menos amenizará esses efeitos, proporcionando melhores condições para todos.

Neste contexto, há de se convir também que os efeitos negativos atingem os profissionais que trabalham nas penitenciárias - pessoal administrativo, agentes carcerários e policiais militares -, que vivem sob extrema e contínua pressão, uma vez que a qualquer hora por ser o sistema penitenciário ainda desumano, pode estourar uma rebelião.

Tenho certeza que não é isso que as autoridades querem, muito pelo contrário, pelo que tenho observado, há um interesse em mudar essa realidade, tornando os presídios não um

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

depósito de seres humanos, mas, sim, um ambiente correccional que proporcione a reintegração social daqueles que, por algum motivo, cometeram um crime.

Tenho absoluta convicção de que esta é a intenção de todos. Dos presidiários, de suas famílias, das autoridades, dos profissionais que atuam no sistema, enfim, de toda sociedade que, a partir de então, não viverá de sobressaltos.

Portanto, para que cheguemos a essa condição é preciso discutir quais caminhos a percorrer, o que devemos fazer para tornar o sistema mais humano e, conseqüentemente, transforma-lo num ambiente de encaminhamento, reeducação, e recondução ao convívio social daqueles que cometeram um crime.

Digo isso porque o sistema carcerário, nos moldes atuais, deixa muito a desejar. Os presídios ao invés de reeducar seus detentos com o objetivo de reintegra-los à sociedade, acabam por se tornar escolas superiores de marginais. Tal situação é o reflexo da superlotação, da violência entre presos reincidentes e aqueles que ali estão pela primeira vez e que acabam dividindo a mesma cela, além de outras questões envolvendo a luta pelo poder dentro da carceragem.

Como cidadão, Deputado Estadual e, principalmente, como membro da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, entendo ser fundamental defender os direitos dos cidadãos como um todo, portanto, nossa proposta é buscar meios que contemple a todos de forma indiscriminada.

Nesse aspecto, podemos destacar penas progressivas e alternativas e investimentos que permitam o desenvolvimento de programas e projetos voltados para a reeducação e reintegração do ex-detento à sociedade, inclusive com a possibilidade de ganhos por parte deles.

Se conseguirmos fazer isso, com certeza estaremos prestando um grande serviço à sociedade, além de eliminar aquela máxima que diz: bandido bom é bandido morto.

Na minha opinião, bandido bom é homem convertido, totalmente transformado e reintegrado à sociedade.

Nós vamos abrir um debate para que a Mesa possa fazer colocações e depois o público também possa participar.

Vamos abrir e dispor de apenas três minutos para cada participante.

Eu quero passar a palavra ao Coronel José Bento Martins Filho, Secretário Adjunto do Sistema Prisional de Mato Grosso.

SR. JOSÉ BENTO MARTINS FILHO - Exmº Sr. Deputado Estadual Nataniel de Jesus, em nome do qual cumprimento os demais integrantes desta Mesa.

Minhas senhoras e meus senhores!

Eu acredito que a iniciativa do Deputado Nataniel de Jesus seja, nesta hora, de grande valia para o Sistema Prisional de Mato Grosso. Digo isso porque, olhando o seu Projeto de Lei, nós sentimos que há, hoje, uma necessidade de ter alguém que ouça as reivindicações, as reclamações, as sugestões e que levante irregularidades que estejam acontecendo no Sistema Prisional, seja por parte de funcionários ou por parte dos reeducandos. Eu digo funcionários, mas não é especificamente o agente prisional, são todos aqueles que trabalham no sistema, incluindo até o próprio Secretário, e eu faço parte do Sistema Prisional.

Essa Ouvidoria, no Sistema Prisional, dá um caráter de transparência às nossas atividades.

Nós já tivemos, Deputado Nataniel de Jesus, até pouco tempo, uma Ouvidoria no Sistema Prisional. Ela foi implantada em agosto de 2000 e, por força de mudança na estrutura da Secretaria de Justiça e Segurança Pública, essa Ouvidoria ficou sendo de polícia, não ficou

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

especificamente ao Sistema Prisional. Isso aí ocorreu em novembro do ano passado. Então, até 2002, nós tivemos uma Ouvidoria no Sistema.

Eu não posso julgar se ela teve rendimentos aceitáveis. Eu acredito que ela poderia ter sido melhor. Uma série de injunções na época, ela fez um trabalho razoável. Mas, eu acredito que se implantar uma nova Ouvidoria, teríamos que mudar essa sistemática.

Eu parabeno Vossa Excelência por essa iniciativa e acreditamos, caso haja a aprovação dessa lei, que essa Ouvidoria será de grande valia para todos nós do Sistema Prisional.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Eu falei três minutos, mas segundo o Cerimonial, os componentes da Mesa podem dispor de um tempo maior, dez minutos, o que dá para fazer uma boa colocação.

Passo a palavra para a Sr^a Odilza Sampaio, Presidente da Associação de Famílias Vítimas da Violência.

A SR^a ODILZA SAMPAIO - Boa-tarde a todos.

Obrigada pelo convite de poder participar dessa palestra.

Eu vou ser bem realista quanto às penitenciárias de Mato Grosso. A Associação dos Familiares Vítimas de Violência neste panfleto (NESTE MOMENTO A ORADORA MOSTRA UM PANFLETO) vem dizendo: “Visita aos presídios”. A Associação, por mim representada, vai aos presídios. Quando me identifico, como uma entidade, que procuro conhecer o Sistema Prisional, quem conhece a entidade lá dentro não humilha, mas aqueles que não conhece nos humilham.

Primeiro, eu acho que o Coronel Martins, como é do Sistema Prisional, deveria dar para as entidades, que fazem visitas aos presídios e que vão visitar o preso, o direito de não identificar o preso. Porque quando eu chego no presídio, eu tenho que dar o nome de um preso para entrar lá, e eu escolho. Eu tenho que procurar no Fórum Criminal o nome de um preso para eu poder entrar, e nós recebemos várias reclamações, sim. Mas, quando chegamos aqui fora, não podemos denunciar, porque o meu nome estará lá e o nome do preso que fui visitar.

Aquele preso sofrerá represaria lá dentro, se eu denunciar o que se passa lá. Então, fica escondido entre nós. Aqui fora nós não podemos denunciar, porque, rapidinho, se eu convocar a imprensa e contar o que está acontecendo, esse preso sofrerá uma represaria lá dentro. Porque meu nome estará lá, meu RG estará lá e o nome do preso também.

Nós temos várias denúncias... Inclusive nós já tiramos doze presos que, infelizmente, não cometeram nada. Eu digo, infelizmente, porque não cometeu, nada e sofreu agressividade por agente carcerário. Eu debati sim, com o sistema prisional. Pedi, imediatamente, para que eles tomassem uma providência com relação ao Márcio e Marcivan, são dois agentes carcerários, que espancaram um rapaz no nariz da justiça, dentro do Fórum Criminal, junto com um agente carcerário de outro presídio.

Eu até hoje, na associação, não tive a resposta do que foi feito com esses dois agentes carcerários. Foi inocentado o rapaz. Ele não era criminoso. Nós mostramos para a sociedade que ele era inocente. E ele foi espancado, meus senhores. O rapaz foi para o presídio, na cadeia de Várzea Grande, todo ensanguentado. Ele foi espancado dentro do Fórum Criminal. Porque? Acusam as pessoas, mas batem e torturam antes de provar elas são culpadas ou inocentes.

O que a Associação das Vítimas de Familiares pede é que tenha sim, essa Ouvidoria em Mato Grosso. Ela é muito importante, porque há muitas pessoas que têm medo de procurar o Coronel, têm medo de procurar os diretores de presídios por causa de represálias.

Inclusive, eu tive um filho seqüestrado há a sete anos atrás. Até hoje eu venho em busca, e jamais eu chegarei e falarei mate esse homem que matou o meu filho, que seqüestrou o meu filho, não! Ele tem que pagar vivo não morto.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

O Centro de Direitos Humanos diz assim: “Eu defendo a vida, eu quero a vida”. Se eles têm culpa, eles terão que pagar vivos, não mortos. Porque morto nós não sabemos para onde é que ele vai. Agora, em vida, nós sabemos que ele está ali pagando. Eu não quero que eles sejam torturados; eu não quero que eles sejam mal tratados; eles têm que ser tratados como pessoas humanas, não como animais, porque cometeram crimes. Eles já estão ali, pagando.

Esse Sistema Prisional está sendo bom. Hoje foram trocados vários diretores de presídios. Qualquer reclamação, o Coronel está aqui do meu lado, que nós recebemos, imediatamente, eu passo um fax ou ofício, para o Coronel pedindo ajuda a ele. Quando não dá tempo, eu ligo para ele - Coronel, pelo amor de Deus, tem gente doente no castigo. Por favor, tire-o para nós-, e imediatamente, o Coronel toma as devidas providências. Ele retorna a ligação e diz: “Dona Odilza Sampaio, já foi atendido o seu pedido”.

O que nós queremos é a Ouvidoria, pois o Sistema Prisional vive super carregado. Às vezes, quando eu vou lá o Coronel não tem nem tempo de atender-me. Nós precisamos sim, de uma Ouvidoria, porque, assim nós poderemos fazer a denúncia diretamente ao ouvidor. Ali ele encaminhará, pois há pessoas que não querem se identificar. O ouvidor é muito importante para toda a sociedade.

Outra coisa eu quero falar para poder fechar, é que quando um preso cumpre a sua pena e sai da cadeia há dificuldade de encontrar trabalho. Eles procuram, mas quando eles mostram os documentos não são aceitos, devido aos antecedentes criminais que mostram que é um criminoso.

Eu acho que quando esses presos saem, deveria haver um meio para que eles pudessem trabalhar. Nós já tiramos doze presos do presídio, pessoas inocentes e também culpadas, e já conseguimos coloca-los no trabalho. Eles já estão trabalhando e vão todo mês na Associação mostrar que eles estão trabalhando. Nós procuramos a firma onde estão trabalhando e eles permanecem até hoje.

São essas as dificuldades dos presos quando saem. Eles não conseguem trabalho a não ser que procurem uma ONG que os recolocem na sociedade, o que é muito difícil.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Muito obrigado, Sr^a Odilza Sampaio.

Com a palavra, o pastor Osvaldo Liberato dos Reis. O Pastor tem um trabalho que evangeliza e tem um trabalho de evangelização nos presídios. Eu gostaria que ele colocasse as suas considerações iniciais.

O SR. OSVALDO LIBERATO DOS REIS - Boa-tarde, Deputado Nataniel de Jesus; ouvintes presentes, nesta tarde.

Eu já tenho mais de quatro anos que trabalho, no Sistema prisional, através do trabalho da Igreja. Eu tenho encontrado grande apoio dos diretores do presídio, e através desse apoio nós temos feito um trabalho dentro dos presídios. Eu vou falar um pouco da parte numerária, isto é, financeira.

É difícil fazer um trabalho melhor no presídio, porque nós encontramos muita dificuldade, e quando se trata da parte financeira os diretores mesmos falam: “É difícil fazer um trabalho melhor com os presos por falta de apoio financeiro.”

Isso é uma parte que atinge muito, até mesmo às pessoas que estão trabalhando dentro do Sistema Prisional.

Como eu trabalho diariamente, e durante esses quatro anos de trabalho vejo, Deputado, que a necessidade dentro dos presídios é da criação de trabalho para os presos. Porque o

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO

ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00 HORAS.

homem que não trabalha é difícil. Ainda que ele esteja preso, há como criar um trabalho. Senhores, cria-se tudo, leis... Então porque não criar uma lei para o trabalho.

Por exemplo, a PAC tem um trabalho muito bom. Eu conheço o trabalho da PAC - a Doutora Lindacir está ali, e faz tempo que nós conversamos muito-, eles têm um trabalho muito bom, mas precisam de mais apoio para que o trabalho seja melhor. Ela já me convidou para eu fazer parte deste trabalho, mas nós já fazemos esse trabalho individualmente, e ela faz a parte dela. Nós deveríamos até nos unir mais, para fazer esse trabalho. Mas nós trabalhamos e temos certeza que está surtindo resultado. Para trazer mais resultado, precisamos de mais apoio. É muito boa a Ouvidoria. É bom esse trabalho que está sendo iniciado agora, que o Pastor está colocando para nós fazermos essa Ouvidoria e tê-la constantemente. Porque se tivermos essa Ouvidoria, constantemente, nós conseguiremos mais apoio para o trabalho prisional em prol dos presos. Eles precisam muito de ajuda. O que os presos mais necessitam é de trabalho, e é difícil trabalho dentro do Sistema Prisional.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Agradeço ao Pastor Osvaldo Liberato dos Reis.

Na terça-feira, eu estive visitando o Presídio Pascoal Ramos, acompanhado do Coronel Martins e do Coronel Jarbas e pude ver o prédio novo, pude ver ali uma instalação nova, visitamos a ala evangélica e o que eu vi - porque tem coisas que nós não vimos, porque não tínhamos muito tempo na terça-feira para fazermos as visitas. Mas, eu quero dizer aqui diante dos Coronéis, diante dos senhores que, o que eu vi-, eu fiquei satisfeito pela qualidade que está se implantando e se colocando ali.

A sociedade cobra muito, cobra do Estado. O Estado, nós vamos dizer assim, se dá regalias para o preso, a sociedade cobra. A sociedade diz assim: “Está vendo? Ele é um preso, é um bandido. Agora está lá, comendo e bebendo, tudo de graça!”. Mas se há um sistema mais rígido, a sociedade também cobra. Então, o dever da sociedade é esse mesmo, é cobrar. E cabe a nós, cabe ao Estado, cabe às autoridades procurar a melhor maneira possível de ter instalações adequadas. Não é porque aquele sujeito, aquele indivíduo, cometeu um delito, que agora terá que ser escorraçado o resto da sua vida. Uma vez que a sua mente já está escorraçada por ele estar preso, impedido de estar com a sua família, impedido de fazer aquilo que todos que estão aqui fora estão fazendo; que podem ir a qualquer lugar, podem ter acesso a qualquer lugar, a um trabalho, a uma escola, a um divertimento, e eles já estão ali presos. Então, eu creio que eles já são atormentados psicologicamente, inclusive eu estive lá e vi também o trabalho da psicóloga, fazendo acompanhamento. Na hora que eu cheguei ela estava atendendo um interno; a outra moça também estava fazendo um trabalho social, fazendo atendimento. Eu gostei da limpeza, visitei o cárcere, entrei na cela, vi os leitos.

Lá no Rio de Janeiro, cansei de ver prisão onde o preso fica numa cela fria que não tem cama, não tem colchão. Muitas vezes, uma folha de jornal era o leito do preso. E aqui no Presídio Pascoal Ramos, eu pude ver as camas, são tipo uma prateleira, de cimento armado, mas com colchões e tudo bem arrumadinho. O Coronel foi pego de surpresa, eu acho que não deu tempo de armar tudo aquilo para a visita do Deputado Nataniel de Jesus. Não dava tempo de armar tudo, porque é complicado.

Mas, nós temos que dar uma qualidade de vida melhor para eles, mesmo porque naquele lugar que os senhores chamam de raio, aquela área ali onde está a ala, chama Ala Evangélica; isso é um trabalho que as igrejas evangélicas, não somente a Igreja Universal, não somente o Pastor Osvaldo Liberato, mas tem outras denominações evangélicas que fazem um trabalho assim e têm contribuído bastante para o Sistema Prisional. Esse trabalho traz mais

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

tranquilidade para o Sistema, para o diretor, para os funcionários; traz mais tranquilidade para os próprios presos e nós vimos que há uma diferença.

É um trabalho que nós precisamos massificar, não que nós tenhamos que levar Jesus e enfiar-lo pela garganta da pessoa, mas regar a palavra de Deus no presídio é de grande importância.

Daqui a pouco nós ouviremos o Major Roberto. Eu o conheci, no Bairro Cristo Rei, no DPO quando era Capitão Marcos Roberto e agora é Major Roberto. Ele falava assim: “Pastor, como é importante esse trabalho dentro do presídio, ameniza a tensão do preso.”

É claro que nem todos optam por receber a palavra de Deus, há aqueles que preferem não ouvir, preferem ir por outros caminhos e não se curvam. Então, torna-se mais difícil, Coronel Martins, para o diretor; torna-se mais difícil para os funcionários controlarem toda aquela situação. Mas, vamos enaltecer o trabalho evangélico que é muito importante.

Estou abrindo o espaço para ouvir a primeira inscrita. Com a palavra, a Sr^a Maria Fátima Carvalho que dispõe de três minutos para fazer suas colocações.

A SR^a MARIA FÁTIMA CARVALHO - Eu ouvi tudo o que o Deputado falou, muito obrigada por estar aqui.

O meu parecer é que nós temos que levar para o presídio, para a humanidade em geral, mas principalmente, para os presídios, porque são as pessoas que já sofreram tudo. Vamos colocar assim: que já estão totalmente destruídas psicologicamente, porque para eles só existe uma luz no final do túnel.

Eu tenho certeza que se nós levássemos mais amor a todos os seres humanos, não só os presidiários, mas se nós compartilhássemos o amor, a amizade, começando dentro de casa... O presidiário chegou lá, mas é na infância que ele foi totalmente destruído. Foi na infância dele que começou tudo. Começou a destruição dele na infância!

Se as crianças começarem, desde pequeninas, conhecer a Deus; ter um acesso mais amigo com os pais, com as mães que são o alicerce da nossa casa; são as mães, são as mulheres, que fossem mais amigas dos filhos, amiga das crianças, nós não chegaríamos a ter tantos presidiários. Nós teríamos mais pessoas humanas, mais pessoas amáveis e mais pessoas amigas. Este é o meu parecer.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Muito obrigado.

A Sr^a Maria Fátima Carvalho quer dizer que nós precisamos de mais amor. Mas são tantos fatores que implicam, às vezes, a pessoa a ter amor. Só para dar um exemplo, o caso daquela moça, seu namorado e o irmão do namorado, que assassinaram os pais da moça. Eu não me lembro o nome dela, mas eu tenho certeza que aquela moça recebeu amor; eu tenho certeza também que aqueles rapazes receberam amor de seus pais.

Nós queremos discutir aqui mais dentro do assunto prisional. Nós queremos discutir aqui, sobre Ouvidoria, e sabermos a opinião dos senhores sobre a importância da dela, para que possamos formar um aparelho que possa ajudar essas pessoas que estão lá. Sabemos que muitas vezes receberam amor, outras vezes deixaram de receber, problemas sociais, muitos dos pais não tiveram condição de dar aquela educação, outros... Existem vários fatores que levam a pessoa a matar, roubar, etc. Mas nós queremos discutir aqui solução para aqueles que já estão presos, para aqueles que estão ali dentro. Essa é a nossa proposta.

Com a palavra, a Sr^a Nívea de Carvalho, que dispõe de três minutos.

A SR^a NÍVEA DE CARVALHO - Referente ao assunto Ouvidoria Penitenciária, que é o assunto que está em pauta aqui, nós ouvimos muita coisa hoje em dia. Por exemplo, os jornais massificam e falam das fugas que há nos presídios. A maioria dos presidiários... Eu estou

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

falando do que se ouve, do que é passado para a população, porque nós não temos como ter acesso aos presídios a não ser que nós façamos uma visita. Nós vamos lá, conversamos com um, conversamos com outro, mas mesmo assim é impossível.

O que nos é passado hoje, através do jornalismo, através da televisão, através de programas polêmicos que levam ao público esse tipo de situação. Eu vejo que eles reivindicam muitas coisas. Eu acredito que é devido à falta de um trabalho dentro do presídio. Eles ficam muito tempo parado e um ser humano parado, infelizmente, ele tende a ter consciência pendendo para o mal. Por quê? Porque se ele é maltratado dentro do presídio, se ele é agredido dentro do presídio ele vai querer sair dali. E ele vai fazer o quê? Ele vai procurar fugir de lá, é onde aumenta mais a agressividade ainda. Por quê? Porque a partir do momento que eles tentam uma fuga dentro do presídio, eles são maltratados pelos policiais...

Não sei se é assim, mas o que me é passado, o que eu conheço e o que eu vejo, é isso. Eles tentam fugir da agressividade dos policiais. Eu acredito que os presos deveriam ser conscientizados, mais bem tratados, ouvidos pelos policiais, quer dizer, ter uma diferença no tratamento. Eles deveriam ser reintegrados na sociedade, mais de que maneira? Começando dentro dos presídios; começando lá, pelo trabalho deles.

Se eles trabalharem, se ocuparem, quer dizer, se o presidiário ocupar-se com alguma coisa, ele não terá que ficar parado, deitado dentro de uma cela ou trancafiado lá dentro. O presidiário sai meia hora, toma um banho de sol, volta para dentro de novo e acaba que não faz nada o dia inteiro. Essa não é a atitude correta.

Deveríamos reintegrar esses presos, sim, desde lá de dentro da própria penitenciária, porque é lá o lugar onde eles vão aprender a voltar para a sociedade como seres humanos. Por enquanto eles vivem como animais lá dentro, trancados, sem ter uma atitude, sem ter uma decência, sem ser bem tratados. Não, são muito mal tratados. Pelo o que vemos na televisão, pelo o que o jornalismo, as reportagens passam para nós hoje é isso.

Eu vejo o presídio dessa forma, e acredito que muitos que aqui estão presentes vêm da mesma forma, também. Que eles são mal tratados, que os policiais são estúpidos, que muitas coisas passam. Há bons policiais? Sim, mas tem muitos lá dentro que, infelizmente, não honram o uniforme que vestem, não honram o nome de servidor público que é. Entendeu? E isso fica difícil até para o próprio presidiário. Para ele sair como é que ele vai mudar? Como que ele vai deixar de ser o que é hoje, um bandido, um esturpador, um ladrão? Quer dizer, ele não mudará isso se não começar de lá de dentro, se não começar pelos próprios policiais e carcerários, ou seja, se aqueles que estão junto com eles não começarem a mudar a visão deles de como é o mundo aqui fora. E eles se manterão da mesma forma.

Eu vejo dessa forma e acredito que tendo uma Ouvidoria, lá dentro, poder-se-á mudar essa situação, o que eles estão fazendo hoje.

Eu apóio o projeto e acredito que podemos mudar sim, se começarmos de cima, se começarmos de quem está aqui fora, dos próprios policiais que vão, lá para dentro, trabalhar com presos.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Muito obrigado Sr^a. Nívea de Carvalho.

Gostaria também de abrir um espaço, agora, para o Major Roberto. Com certeza ele vai ilustrar e enriquecer esse debate. Muito obrigado pela sua presença.

O SR. ROBERTO - Excelentíssimo Sr. Deputado Nataniel de Jesus, Srs. Coronéis à Mesa presentes, Srs. Oficiais, senhoras e senhores.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

É um prazer estar aqui para poder colaborar com esse brilhante evento, até porque, nós somos profissionais da área de segurança e já trabalhamos no batalhão de guarda, inclusive na época junto com o Major Reinaldo que até hoje permanece lá, desempenhando um bom trabalho.

Mas, começando a minha fala, eu gostaria de falar primeiramente como cristão que sou.

Como cristão que sou, na visão de Major, a bíblia nos fala que toda autoridade emana de Deus. E não é à toa que ela traz consigo a espada para castigar aqueles que praticam as más obras.

Mas também a palavra de Deus - e agora eu vou falar como cidadão, não como Major -, fala que uma alma vale o mundo inteiro. Nós, policiais vivemos nessa dicotomia. Nós não sabemos se aplicamos o rigor da lei ou se olhamos para o preso com uma visão mais branda, mais cristã.

Eu como cristão acredito na recuperação do homem, porque senão não tinha sentido a vida de cristo. Não sei se todos aqui professam da mesma religião, mas eu sou cristão e acredito na recuperação do homem. Se eu não acreditasse, não teria como eu ser um policial. O policial não visa prender e castigar as pessoas. A idéia é levar essa pessoa que teve desvio de comportamento para o sistema prisional, e lá no Sistema Prisional ela ser corrigida. E aí entra uma outra fala minha que é o lado sociológico da coisa.

Michel Foucault, através do seu livro *Vigiar e Punir*, fala que as penas não podem atingir o corpo da pessoa. A pena tem que ser a restrição da liberdade. Nós podemos perceber que durante os anos houve uma evolução no Sistema Prisional mundial, mas, infelizmente, no Brasil ainda continua-se penalizando a parte física do preso. Porque, a partir do momento em que o preso fica em instalações que não oferecem o mínimo de condições, se está afetando o corpo dele.

E nós também podemos observar aí, que a minha proposta com relação a Ouvidoria é a de que a punição também não pode exceder ao preso. Quando você - e aí eu concordo com a fala da senhora -, quando a esposa - eu trabalhei no Batalhão de Guardas e eu acho humilhante aquela revista que é feita nas esposas dos presos, que faz o toque na vagina, aquele negócio todo... Eu acho humilhante, porém, é necessário. Nós devíamos propor alguma solução para aquilo. Não é verdade? Nós sabemos que é necessário, porque há, infelizmente, esposas que levam drogas, armas, instrumentos que provocam rebeliões e mortes. Mas, nós também sabemos que é humilhante e aquilo lá revolta o preso.

Eu gostaria de propor, Deputado Nataniel, de repente, uma Comissão para estudo de mobilização, um RX, alguma coisa que possa resolver essa situação que é constrangedora.

Eu quero passar para o público, aqui presente, que a Polícia Militar, a Polícia Civil e o aparelho policial do Estado não sente nenhum prazer em prender seres humanos, porque nós também somos seres humanos. Nós não temos prazer nenhum em tirar um pai de família e levar para a cadeia, ou um filho de uma mãe e levar para a cadeia. Nós não temos esse prazer. Infelizmente, são ócios do nosso ofício.

Mas eu agradeço por essa brilhante idéia, Deputado, porque nós temos que conversar. A Bíblia diz que na multidão de conselheiros reina a sabedoria.

Então é ouvindo as pessoas que nós vamos conseguir achar soluções, alternativas para esse problema que ora enfrentamos.

Na Constituição diz que a Segurança Pública é um dever do Estado, direito e responsabilidade de todos nós, da igreja, da família, da escola, da polícia, da justiça, do Legislativo, do Executivo, de todos nós. Está certo?

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

Deputado Nataniel, concluindo, pois nós não podemos nos estender, esse é um tema do qual sou bastante apaixonado. Eu trabalho nessa área de polícia comunitária, trabalhei, eu gosto de mexer com a comunidade e acho que esse problema é dela sim. A comunidade tem que conversar, discutir e buscar alternativas para ela. Mas isso é só através da discussão.

Muito obrigado a todos. Não sei se o Major vai falar em nome da Polícia Militar, mas, se não falar, eu quero deixar bem claro que 99,9% dos policiais não têm prazer de prender ninguém, não tem prazer, às vezes, de tomar uma atitude mais radical. Assim como têm bons policiais, têm maus também. Mas assim como há presidiários que querem se recuperar, há presidiários que não querem se recuperar. Muito obrigado (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Eu sabia que o senhor iria ilustrar este debate, por seu uma pessoa muito preparada, um homem, um policial muito responsável e iluminado por Deus, por isso eu tinha certeza que o senhor contribuiria bastante.

Com a palavra o Sr. Paulo Bonassa, assessor parlamentar da Deputada Verinha Araújo, que dispõe de três minutos.

O SR. PAULO BONASSA - Boa-tarde a todos.

Em nome do Deputado Nataniel de Jesus eu cumprimento os homens e em nome da Sr^a Odilza Sampaio cumprimento todas as mulheres.

Estamos aqui representando a Deputada Verinha Araújo, que por estar em viagem representado a Assembléia Legislativa, em outro Estado, nos pediu que viesse aqui dar o apoio necessário para que essa Ouvidoria tramita na Casa com a melhor condição possível.

Agradeço a todos que têm colaborado com esse projeto de lei e parabeno o Deputado por essa iniciativa que é de grande importância para toda a sociedade, principalmente, para a segurança do Estado em si.

Deixo como sugestão do gabinete da Deputada que sejam afinados os laços com a Secretaria de Estado de Segurança Pública, juntamente com a equipe, porque achamos ser de grande relevância.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Obrigado, Paulo Bonassa.

Com a palavra o Sr. Faustino Corrêa de Moura, que dispõe de três minutos.

O SR. FAUSTINO CORRÊA DE MOURA - Senhores e senhora, boa-tarde.

Cumprimento o nosso Pastor e Deputado Nataniel de Jesus e também o nosso Comandante das unidades que se encontram presentes, o Pastor Osvaldo e todos da platéia.

Quero apenas dizer que temos um irmão preso já há vários dias, já esta completando seis anos, esse irmão está passando uma situação difícil. Mas, não por causa dos maus tratos no quartel em si, porque eu sempre fui bem recebido pelo Major Farias, hoje, é o Major Reinaldo. Mas, a própria justiça que impõem a essa situação.

Eu nunca tinha visto uma pessoa condenada a doze anos e seis meses de cadeia, viver em regime fechado e sem ter progressão de pena. Eu fiquei a par dos laudos do processo, quando li. E procurando advogados - já se passaram cinco, seis advogados-, eu notei que há um problema na própria justiça, que parece que tem interesse no caso em não progredir.

Eu notei que mesmo o pessoal dos direitos humanos já trabalhou no caso. A dona Odilza Sampaio, já esteve presente e pediu por ele. Esse rapaz está débil mental, já foi pedida, há mais de um ano, a sua internação no Hospital Adauto Botelho, e até hoje, não veio resposta.

Eu estive prestando atenção, semana passada, nos laudos, lá no fórum, e até hoje não veio a resposta. Aqui, inclusive, há urgência, pois o Dr Ubiratan, pediu urgência no internamento dele. Quem encaminhou o ofício, solicitou o ofício foi a Dr^a Maria Aparecida Ferreira Fago da 12^a Vara. E até hoje, não tenho a resposta.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

Eu gostaria de colocar o nosso Deputado a par disso, porque esta com montando a Ouvidoria. Eu gostaria de saber porque a autoridade máxima está segurando isso daí? Porque não é só com o rapaz, é como foi falado, não tem o direito de atingir o corpo, mas a restrição da liberdade tendo ele direito ao seu tratamento, que não está tendo. Eu gostaria de saber porque.

Quero agradecer a todos; ao pessoal que trabalha lá cadeia, porque faço uma partezinha lá também.

O SR. PERSIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Eu que agradeço ao Sr. Faustino Correa de Moura.

Com a palavra, a Sr^a Lindacir Bernadon, Coordenadora Pastoral Carcerária. Muito obrigado pela sua presença.

A SR^a LINDACIR BERNADON - Exm^o Sr. Deputado Nataniel de Jesus, na pessoa em que eu cumprimento a todos da Mesa, a todos aqui presente, parabeno também pela iniciativa.

Eu também sou uma apaixonada pelas questões do Sistema Penitenciário. Nós devemos dizer que realmente houve uma grande evolução e já melhorou bastante. E graças ao apoio e a ajuda de pessoas como o Pastor Osvaldo, Dona Odilza Sampaio, pessoas que estão juntas, Coronel Jarbas, Coronel Martins e que têm esse pensamento cristão e que sabem que a trilogia para recuperar o ser humano é o trabalho, o estudo e a religião, sem isso nós não conseguimos recuperar.

Em relação à Ouvidoria, já tivemos uma experiência, em alguns momentos, positivas, em outros momentos, experiências negativas como aquele que já existiu.

Eu gostaria apenas de fazer uma sugestão - eu peguei o projeto agora, e li rapidamente. No artigo 3^o diz o seguinte: “ A Ouvidoria será exercida por um ouvidor nomeado pelo Governador do Estado para mandato de dois anos, permitida uma recondução ...” e por aí afora.

A minha sugestão seria que essa indicação do ouvidor fosse feita pela sociedade civil organizada. Entidades como a da Dona Odilza Sampaio, da igreja, do Pastor, da Pastoral Carcerária, da PAC, pessoas envolvidas com o Sistema Penitenciário que pudessem se unir e encontrar a pessoa que tem o perfil adequado e indicasse para que o Governador nomeasse. Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Muito obrigado, Sr^a Lindacir Bernadon, Coordenadora da Pastoral Carcerária.

Com a palavra, o Coronel Jarbas.

O SR. JARBAS DE SOUZA - Deputado Nataniel de Jesus, componentes da Mesa, minhas senhoras e meus senhores. Permita-me um pequeno histórico na estrutura do Sistema Prisional.

Há dois anos, ele era composto de uma só pessoa, que era o Coordenador do Sistema Prisional. Ele era subordinado à Secretaria de Justiça. Hoje nós temos um Secretário Adjunto do Sistema Prisional, nós temos um Superintendente do Sistema Prisional e dois Superintendentes Adjuntos, um de gestão de cadeia e outro de gestão de presídios e penitenciárias.

Essa estrutura se ampliou e nós temos mais pessoas pensando no Sistema Prisional. E havia à época um Ouvidor, ele foi extinto e a importância dele é muito grande para poder ser o elo daqueles que se sentem prejudicados, encaminhando essas reclamações.

A idéia de recriar ou de replantar essa Ouvidoria é muito importante. E numa democracia, ouvir as partes só tende a melhorar, só tende a tornar transparente e ético o processo de trabalho de cuidar de preso.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

O Sistema Prisional existe para cuidar do preso. Ele é composto de pessoas de todos os tipos, e nós precisamos depurar como qualquer outro grupo, qualquer outra instituição, qualquer outro local.

É muito importante essa Ouvidoria, sendo que o trabalho dela seria ouvir a essas reclamações, tentar verificar a sua procedência e encaminhar. Não tendo ligação com a Defensoria Pública, que é quem se responsabiliza pela parte legal, pelo acompanhamento legal do cumprimento de pena do preso. A Ouvidoria é mais para encaminhar as reclamações e as dificuldades encontradas pelos presos e pelos familiares dos presos.

Era isso que eu gostaria de colocar, de ponderar e agradecer a oportunidade de participar desta Audiência Pública. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Agradeço ao Coronel Jarbas.

Com a palavra, a Sr^a Maria Alcicléia da Silva Nascimento, nossa jornalista, da Secretaria de Imprensa da Casa.

A SR^a MARIA ALCICLÉIA DA SILVA NASCIMENTO - Com relação ao projeto, no seu art. 5º, ele diz: “As autoridades dos órgãos prisionais fornecerão ao Ouvidor, quando solicitado, dados, informações, certidões ou documentos relativos à situação do sentenciado.”

Eu acho que deveria mudar, porque esse “quando solicitado” deveria ser mensalmente nos casos... Eu não sei como Vossa Excelência colocaria na língua portuguesa, mas seria o seguinte: que a cada final de mês aqueles casos mencionados, junto a Ouvidoria, fossem alocados os documentos relativos e enviados automaticamente para esse Ouvidoria, para que ele não tenha que estar sucumbindo na burocracia; para ele não ter que pedir a cada caso que chegar; para que fosse automática e mensal.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Muito obrigado.

Mais alguém quer fazer uso da palavra? Com a palavra o Sr. Gerson Mendes Donato que dispõe de três minutos.

O SR. GERSON MENDES NONATO - Eu sou policial militar, inclusive, o meu Subcomandante está ali, o Major Reinaldo.

Eu estou falando aqui como cidadão, conhecedor da Dona Odilza, do Pastor. Mas, antes de falar eu quero deixar uma frase de um jurista e filósofo: “Se toda humanidade, menos um, fosse de uma opinião, não estaria a humanidade mais justificada em reduzir ao silêncio tal pessoa, do que esta se tivesse força em fazer calar o mundo inteiro!” Por que é que eu digo isso? Nós que estamos trabalhando e percebemos inúmeras coisas, por exemplo, o fato de termos, nós policiais, que revolver alimentos em busca de alguma coisa que seja ilícita entrando no Sistema Prisional. Isso é desumano. Mas o que faz isso? O fato de não ter uma situação satisfatória.

O fato de existir essa ouvidoria, nada mais vai ser útil do que ela fiscalizar todos os atos.

Eu finalizo dizendo o seguinte: a liberdade de criticar os atos dos governantes para fiscalização desses esclarecimentos da opinião pública é elemento essencial da democracia.

Nesse sentido, nós, policiais também estamos ávidos por ver isso. Nós, policiais, que fazemos parte da segurança lá do presídio, porque nós também precisamos da guarida dos Direitos Humanos. Nós estamos muito interessados, eu falo por mim, mas eu tenho conversado com vários policiais e eu tenho certeza que é desejo de nossos comandantes para que isso se estabeleça. Porque toda vez que existe um problema, julgam aqueles que estão trabalhando lá, mas ninguém vai lá e ninguém presencia os nossos atos e os nossos feitos. A não ser essas pessoas que estão aqui, como é o caso do Pastor que quase todos os dias está lá, conosco, fazendo trabalho com a

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

comunidade. E a dona Odilza Sampaio que ninguém precisa falar sobre ela porque sabe do trabalho dela relacionado ao Sistema Prisional.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Eu estava conversando na terça-feira, visitando o Presídio Pascoal Ramos e o Cel. Martins estava passando para mim algumas coisas e me mostrando e teve um momento que o senhor mostrou aquele lugar que tem uma tela, que antes tinha um telefone, um interfone, parlatório. Eu acho que agora se comunicam por ali e teve uma hora que o Major Roberto falou sobre o constrangimento que os visitantes, os parentes dos presos sofrem na hora da revista. Realmente é constrangedor. Eu, como Pastor, uma vez eu deixei a minha carteirinha, esqueci a minha carteirinha de pastor e fui fazer uma visita a um preso, lá no Frei Caneca, e eu tive que passar por isso. É constrangedor. Você ser um cidadão comum, ser uma pessoa lícita e porque você vai visitar então, você é incluído naquele rol. Porque os senhores sabem - e nós também não podemos julgar-, que naquela visita são levadas muitas coisas; é levada a maconha, a cocaína, o celular, uma ponta de faca, uma serra. E as pessoas de bem acabam pagando também. Então, é constrangedor.

Parece-me que agora há uma maneira diferente, não é Coronel? Não é mais... O senhor estava falando para mim, na terça-feira, que a visita não é mais revista.

Com a palavra o Coronel José Bento Martins Filho.

O SR. JOSÉ BENTO MARTINS FILHO - Nos presídios maiores, hoje em Cuiabá, e em cadeias também de maior porte - como são os casos de Rondonópolis e Cáceres e Várzea Grande -, nós implantamos o detector de metais na entrada do presídio. Isso aí inibe um pouco as pessoas de levarem equipamentos metálicos, tipo uma arma ou uma serra, mas, infelizmente, no tocante a drogas e celulares - e alguns celulares são mais sofisticados -, esses detectores nada podem fazer.

O motivo da revista, infelizmente, é porque algumas pessoas - e nós falamos algumas pessoas -, poucas, elas estragam o que seria um dia de alegria para o preso, recebendo seus familiares e amigos. Algumas pessoas tentam ludibriar a nossa guarda da polícia militar principalmente, que é hoje a responsável por essa revista, mas também a dos agentes prisionais. Porque, no interior do presídio também o agente prisional está atento a isso. Essas pessoas tentam introduzir coisas proibidas no presídio, o que é muito grave.

Essa revista, realmente, Deputado, eu considero bastante inibidora por parte daquelas pessoas que são revistas. O fato de se tirar a roupa, ou de ser feita uma revista mais rigorosa, seja homem, seja mulher, é bastante constrangedor.

Hoje, é uma recomendação do departamento penitenciário que essa revista íntima seja feita somente quando se há uma suspeita de que aquela pessoa está conduzindo algo proibido. Infelizmente, às vezes, isso aí não é bem entendido por parte de quem está revistando.

Se há uma suspeita de que aquela pessoa está levando algo proibido, ela será submetida a uma revista mais rigorosa. E, essa revista mais simples seria para todas as mulheres e homens que adentrassem ao presídio.

Nós estamos dentro da Secretaria viabilizando estudos, e futuros projetos sairão desses estudos, para uma tentativa de implantação de outros equipamentos de fiscalização nos nossos presídios. Nós começaremos pelo circuito interno de televisão, bem moderno, que daria para monitorarmos todos os movimentos de pessoas que estivessem dentro dos presídios, sejam funcionários, sejam reeducandos e sejam as visitas. É meio difícil, através desse monitoramento, percebermos a entrega de algum material, mas poderia ser feito.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

Uma outra coisa é instalação de raio X. É um equipamento caro. Nós estamos aí fazendo orçamentos, mas a idéia da Secretaria é modernizar esses presídios de maior porte, ou seja, aqui, o nosso Presídio de Pascoal Ramos e o Presídio de Rondonópolis. Hoje, eu não falo em Carumbé, porque ele deve sofrer uma reforma significativa. Eu acredito que não igual a que o Presídio Pascoal Ramos sofreu, mas ele vai ser mexido no futuro.

Nós não pretendemos investir muito no Carumbé, quanto a esses equipamentos, mas também nós colocaremos alguns lá.

A idéia é prevenirmos a entrada desses materiais, porque só quem trabalha dentro do presídio, seja o agente prisional, seja a polícia militar - que nos dá a segurança externa-, é que sabem o risco que causa uma arma dentro do presídio, principalmente.

Uma arma de fogo no presídio é muito problema para nós. A droga, normalmente, nós não conseguimos evitar que entre, mas tem diminuído bastante pelas apreensões que são feitas na entrada do presídio e até lá dentro. Mas aí ela já está lá dentro, já foi consumida em parte e isso aí não é bom para o Sistema, porque a pessoa se vicia e fica com comportamento diferente, que pode levar a um movimento, a uma rebelião ou coisa desse tipo.

Agora, o senhor me perguntou sobre a revista, se ela já estava sendo abolida. Não está. Ela vai continuar até que tenhamos esses equipamentos e a tendência é cada vez mais modernizar. Realmente, nós temos tido muitas reclamações por parte das famílias, notadamente mulheres, esposas e mães de reeducandos, que pelo fato de chegarem no presídio e sofrerem uma revista mais acentuada, mais demorada, sofrem um constrangimento e eu concordo com isso. Eu acho que nós temos que humanizar essa situação e evitar que isso continue.

O certo, Deputado Nataniel, seria ter um local de visitas que tirasse o preso da sua cela e, ao retornar à mesma, fosse ele o revistado e não a visita. A visita poderia entrar com o que fosse. Mas, lá dentro, o preso ficaria fora da cela, num pátio ou numa área destinada para isso. Infelizmente, nós não temos isso. Isso aí são presídios mais modernos que dispõe. Vossa Excelência conheceu o Presídio do Pascoal Ramos e viu que não dispomos desse espaço. Vossa Excelência viu que as visitas ficam no refeitório e utilizam as celas também. Mas isso aí não temos e não podemos fazer. Então, vai haver a revista, embora constrangedora, mas é uma tentativa de resguardar a segurança do presídio.

Eu quero aqui falar alguma coisa para o pessoal que passou aqui dando sugestões para uma melhor ressocialização do reeducando. Eu acho que a primeira pessoa, ou a segunda, uma senhora, falou sobre o trabalho do preso dentro do estabelecimento. Eu acho fundamental.

Realmente, se o preso ficar desocupado, ocioso, só pensar em coisas que não deve. E a primeira delas... O preso, realmente, a maioria não, mas muitos ali querem ser ressocializados. Os poucos que não querem não vão se adaptar dentro do presídio, por mais que você faça algum trabalho de estudo, dando atividade para ele, essa parte social, psicólogos, ele vai pensar em fugir. O preso não pensa fazer rebelião para pegar o refém e judiar dele ou coisa assim. A tentativa do preso nessa situação é de fuga. Ele vai usar o refém como escudo ou para alguma negociação.

Alguns presos são de difícil recuperação. Eu não vou dizer que irrecuperáveis, eu acho que não podemos usar essa palavra, mas de difícil recuperação, bem mais do que outros. Porém, a grande maioria deseja sair do presídio e recomeçar uma nova vida. Para que isso aconteça, temos que propiciar ao reeducando situações para que ele, ao sair, seja aceito pela sociedade, uma delas é o trabalho que é fundamental e tem que existir. A Vossa Excelência viu lá que estamos iniciando um trabalho na marcenaria, quer dizer, a curto prazo estaremos com essa marcenaria funcionando. Nós temos outro pavilhão de trabalho que estamos com um projeto para implantar uma outra atividade, e a idéia é pôr o preso sempre para fazer alguma coisa.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

O estudo, Vossa Excelência viu as salas de aula, nós estamos com um projeto para o segundo semestre de colocar os presos para estudar dentro das salas e não aqueles estudos de supletivo só em celas, isto é, ele estudar individualmente. Nós queremos pôr um professor lá. Estamos fazendo uma parceria com a Secretaria de Educação, que nos cederá alguns profissionais. Essa parceria já está adiantada e vamos ter o professor da rede pública estadual ou municipal, no caso seria estadual, trabalhando lá dentro do presídio. Não há problema algum em termos de segurança, porque ficamos mais atentos com relação a isso. É claro que os presos serão selecionados, não serão todos aquinhoados, até porque, muitos deles não querem ter esse tipo de atividades.

Nós pretendemos movimentar o presídio Pascoal Ramos que será um modelo no nosso Estado. Ele tem pouco tempo de reativação. Ele foi reativado em setembro do ano passado. É claro que no início foi muito difícil, mas agora estamos chegando ao que queríamos e não tenho dúvidas que iremos alcançar um resultado satisfatório.

Com relação à polícia militar e ao agente prisional, o que fica bem claro é que a polícia militar não tem participação dentro do presídio, ela fica no trabalho de segurança externa. É essa a missão da Polícia Militar e tem sido feita de forma correta. Os policiais entram lá quando há uma necessidade, uma tentativa de motim, tentativa de fuga. O presídio Pascoal Ramos já teve três ou quatro fugas, inclusive uma muito falada recentemente. Então, essa é a missão da polícia.

A quem compete o tratamento do preso? Ao agente prisional. Eu faço aqui uma observação, nós estamos mudando a mentalidade do agente. Eu estou há três anos no Sistema Prisional e peguei uma turma nova que havia feito um concurso, dois três meses antes, ou seja, no final de 1999, eu entrei no início de 2000, no Sistema.

Esse pessoal já está com a mentalidade diferente daqueles antigos agentes. Hoje, não se trata o preso mais com agressões, com maus tratos. A idéia é tratar o preso com dignidade, ele é uma pessoa humana.

Esses fatos que acontece, como a Sr^a Odilza, aqui nos relatou, realmente, eu não vou dizer que não ocorre, mas, já diminuiu muito pelo que eu sei e ouvi falar do passado.

Hoje, há uma conscientização de que o preso é um ser humano, e que tem que ser tratado como tal. Como é que nós queremos ressocializar uma pessoa se nós a espancamos e a tratamos como se fosse um animal. Nós não vamos conseguir nunca, aliás, nós vamos piorar o caráter daquela pessoa, ele sairá do presídio com mais instinto de violência do que quando entrou.

Então, lá dentro tem que ser diferente. Eu sei que é difícil, tem agentes que não pensam assim. Nós estamos tentando fazer uma reciclagem com esses agentes. No ano passado, nós fizemos três cursos com os agentes prisionais, pelo menos aqui na grande Cuiabá e Rondonópolis, todos os agentes efetivos passaram por esses cursos. Eu não peguei os contratados, porque são agentes temporários e estão indo embora.

Nós estamos analisando um novo concurso. Nós estamos na segunda fase desse concurso para agente prisional com modificações, acredito que para melhor. O nível anterior de escolaridade desse concurso de 1999, era de primeiro grau, mas agora, passamos para segundo grau.

No concurso anterior nós só fizemos a prova escrita, e agora nós estamos fazendo além da prova escrita o teste psicotécnico e depois, uma investigação social. Isso para que esse agente entre e saiba o que ele vai fazer, ele tem que ter um bom nível.

Hoje, eu tenho problemas com alguns agentes que, sinceramente, eu não sei como é que eles estão no Sistema Prisional. E para retirar esse pessoal é muito difícil. Por quê? Eles já são efetivos, são concursados.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

O contratado quando ele erra é mais fácil rescindir-se o contrato. Já o efetivo sofre o processo administrativo, isso é demorado e, muitas vezes, por falha no processo, ele acaba absolvido e retorna ao Sistema.

Nós estamos procurando melhorar o nível de nossos agentes, não só de agentes. Nós fizemos um concurso no ano de 2000, no final do ano, para técnico do Sistema Prisional.

Isso que o Deputado falou, está sendo uma realidade no presídio. Nós temos agora, uma assistente social, um psicólogo, além do pessoal de saúde que está atendendo. Vossa Excelência chegou a ver ali, no gabinete odontológico um médico e um dentista - o médico estava ali, mas não era o lugar dele, porque ali era o gabinete odontológico-, esse médico, inclusive, é um oftalmologista que não vai diariamente no presídio, ele vai quando há pedidos de problemas de visão.

Nós estamos tentando humanizar. Eu sei que é um trabalho difícil. Existe uma voz corrente que o Sistema Penitenciário Nacional, não só Estadual, andou abandonado, largado pelas autoridades federais, estaduais, e que não havia essa preocupação.

Hoje, há uma preocupação muito grande por parte da sociedade, até porque, nós estamos vivendo em um regime muito violento. Nós não temos mais aquela segurança, aquela paz que tínhamos há dez anos atrás.

Hoje, nós pensamos, estudamos, como é que vamos nos deslocar, quer dizer, será que compensa ir a uma festa em tal lugar? Será que lá é perigoso? Eu penso muito nisso. Não por estar como Secretário Adjunto, não é por isso não, eu penso mesmo com a pessoa. A violência é muito grande, qualquer um que seja, pessoa pobre ou rica, autoridade ou não, ela esta sujeita a ser assaltada, os exemplos são bastante. E, diariamente, nós vemos na mídia essas violências sendo cometidas.

Hoje, há uma preocupação com a segurança. E os presídios, senhores, são os que recebem os presos. A polícia prende e quem tratará desses presos somos nós, então, tem que haver uma preocupação, uma tentativa de uma melhoria desse pessoal. Se o preso entrar e não melhorar ou até piorar, eu pergunto o que será de nós no futuro?

Então, a responsabilidade nossa como dirigente do Sistema Prisional é muito grande. Eu reconheço que é um trabalho muito árduo e nós estamos tentando fazer o melhor possível.

Um dia, é claro, eu vou sair da Secretaria, mas eu espero que esse trabalho continue sendo feito por pessoas que tenham vontade de recuperar esse preso. Porque realmente, só recuperando-os é que vamos ter mais segurança, mais paz e mais tranquilidade.

A Sr^a Odilza Sampaio, também, expressou uma preocupação muito grande que é a dificuldade que o preso sente quando ele sai do Sistema Prisional, quando ele vai para o mundo aí fora.

Quando alguma pessoa, alguma empresa pega a ficha daquela pessoa, vamos dizer assim, os seus antecedentes e vê que ele foi uma pessoa que passou pelo Sistema Prisional, normalmente, ela é rejeitada.

Eu pergunto para os senhores: se os senhores estiverem procurando um motorista e aparecer um preso, candidato, e dizer: “Eu saí do presídio Pascoal Ramos há um mês”. Ninguém vai querer contratá-lo, seja para jardineiro, motorista, ou outro tipo de trabalho. No caso das mulheres: empregadas domésticas, ou secretárias, ou qualquer tipo de emprego, ninguém quer, pessoal. A pessoa é rejeitada.

Nós temos que batalhar para que isso não aconteça. Eu acho que essa pessoa que estiver saindo, ela tem que ter a sua oportunidade de trabalho, de voltar a ser uma pessoa normal.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

Agora isso também é uma grande dificuldade. Nós estamos falando em preso, mas até as pessoas que nunca tiveram passagem em nenhuma delegacia, cadeia ou presídio, elas também têm dificuldade de emprego. Hoje é um problema social de todo Brasil, mas o preso sente mais ainda. Então, se já há uma dificuldade para os que estão aqui fora, imagine para o preso. Compete a nós, do Sistema Prisional, tentar fazer com que esses presos ao saírem, tenham a sua oportunidade de reconstituírem as suas vidas junto às suas famílias.

Em relação à Ouvidoria, eu acho que ela está vindo em boa hora. Realmente, esta preocupação que a dona Odilza Sampaio disse, do preso falar que está acontecendo isso com ele e ele depois ser identificado e sofrer represálias, é uma realidade; talvez nem tanto como ela falou, mas acontece. Eu não estou diariamente no presídio, eu trabalho na Secretaria. Eu vou aos presídios, mas não estou 24 horas no presídio, assim como Diretor também não está e aquelas pessoas que tem cargos de chefia dentro de um estabelecimento penal.

Eu não posso controlar a ação de um agente prisional. Eu não sei o que ele vai fazer à noite. Nós esperamos que ele não faça nada, mas ele pode realmente aplicar um castigo no preso, porque o preso denunciou.

A Ouvidoria mantendo esse sigilo de nomes dos re-educandos, eu acredito que dá para nós melhorarmos muita coisa.

Parabenizo o Sr. Deputado, por essa iniciativa e acredito que, desta vez, discutindo aqui com a sociedade, nós conseguimos montar essa Ouvidoria e, eu tenho certeza que o trabalho que ela desenvolverá será de grande valia para nós, do Sistema Prisional, e isso refletirá para a sociedade em geral.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Agradeço o Coronel Martins. Nós estamos aqui procurando - não como Deputado, mas como cidadão -, melhorar e diminuir um pouco o sofrimento das pessoas que nós vemos ao nosso redor. Quando nós sabemos, tomamos conhecimento de pessoas que sofrem ali, do outro lado, nos traz tristeza e, como cidadão, como ser humano que se preza, eu acho que buscamos sempre soluções para socorrer aqueles desfavorecidos, no caso, os internos, os presos.

Eu acredito que será de grande valia essa Ouvidoria, como o senhor colocou, muitas vezes o agente - o senhor não está ali presente, o Diretor não está presente-, tem sempre um agente, um ou outro, basta um. Eu acho que um mal agente pode denegrir toda imagem de um presídio, toda imagem do trabalho de uma Secretaria. Um agente só!

Não vamos comentar em profundidade, mas nessa última fuga, como o senhor colocou aí, que mexeu com a sociedade; nós não sabemos quem, quantos, mas de repente, um só facilita ou faz o jogo, vamos falar assim, e esse um é o suficiente para denegrir, para destruir todo trabalho que a Secretaria está fazendo. Que é o trabalho do diretor que, muitas vezes está ali, como o senhor disse: “Quando sai para ir numa festa tem que ficar escolhendo o local onde vai por questão de segurança.” O diretor coloca a sua própria vida em xeque, a sua família; não sei aqui, mas no Rio de Janeiro é normal o diretor de um presídio receber ameaças. Hoje em dia o delegado recebe ameaças por telefone, de repente aqui não chegou, mas, muitas vezes, a vida do diretor está ali em xeque, por causa de um mal agente.

É necessário também que a Ouvidoria possa fazer essa fiscalização. Eu acho que depois de implantada a Ouvidoria diminuirá, amenizará e também inibirá a ação desses maus elementos que trabalham no Sistema, esteja ele no grau que ele estiver, o posto que ele estiver. Eu acho que ali se trata, como o Major Roberto falou: “o preso está ali para ser recuperado”, e nós temos que acreditar na recuperação.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

Eu ouvi não sei se foi ontem, ou anteontem à noite, no *Jornal da Globo*, uma senhora que chegou até o Presidente Lula pedindo oportunidade para o Fernandinho Beira Mar! Nós não estamos aqui defendendo, individualmente, ninguém. Nós estamos defendendo aqui o ser humano.

Eu acho que nós temos que acreditar na recuperação do ser humano, como o senhor colocou, porque estão ali para serem recuperados. Recuperados! Ali não pode ser uma lata de lixo, ali não pode ser um depósito de gente! Ali tem que ser um local de recuperação do indivíduo. Nós precisamos valorizar. Nós não podemos ficar ali cutucando o animal, porque se ficarmos cutucando o animal, amedrontando ele, ameaçando ele, por mais que aquele animal seja dócil, ele vai acabar se tornando feroz. Nós podemos pegar um animal e transformar ele em uma fera, se ficarmos ali todo dia mexendo com ele, provocando ele.

Quando um preso fica ali sendo provocado, todos os dias, ele acaba se tornando uma fera.

Nós temos que fazer dos presídios tomara Deus que aqui em Mato Grosso seja, eu peço a Deus que Mato Grosso seja, exemplo não somente na área prisional, mas em toda área administrativa. Eu peço a Deus que este Governo Blairo Maggi, o Estado de Mato Grosso possa aparecer no cenário brasileiro como um Estado padrão, que Cuiabá possa ser uma cidade padrão, que os nossos presídios possam ser também presídios padrões, padronizados, que possam ser copiados.

Quando eu fui ao gabinete do Cel. Martins pude observar, ele me passou lá o que está sendo feito lá na Penitenciária Mata Grande, a confecção de bolas, bolas de futebol, futebol de salão, futebol de campo e como estão trabalhando, querem aumentar o volume de trabalho e estender para outras áreas. Isso vai ocupar muito o preso, nós precisamos intensificar esse trabalho, de ocupa-los, de uma maneira indireta recuperar a dignidade deles que eles mesmos lançaram fora, eles mesmo perderam e que alguém de fora, alguém com consciência, alguém como o Cel. Jarbas e o Cel. Martins, que estão trabalhando, pessoas com essa consciência possam levar esse trabalho.

Eu tenho certeza que a Ouvidoria será implantada, será aprovada pelo nosso Governador, porque o Governador também tem intenção de fazer uma renovação prisional, vai renovar presídio, renovar todo Sistema, colocar uma nova mentalidade, colocar pessoas realmente competentes, colocar pessoas que estejam compromissadas com a sociedade para recuperar essas pessoas que um dia escorregaram, que um dia caíram. Imaginem um adolescente hoje, um rapaz que cometa aí um crime, que cometa um erro, ele vai preso, imaginem um filho seu ali preso. Como é que o senhor gostaria que ele fosse tratado?

Nós vemos hoje em dia, já foi tempo, Cel. Martins, Cel. Jarbas, já foi tempo que o bandido era só aquele morava no morro, aí ele encontrava nas celas pessoas que moravam em morro, nas favelas e hoje nós encontramos pessoas estudadas, pessoas intelectuais, pessoas que fizeram um concurso de nível superior e que se encontram numa cela.

Então, cadeia deixou de ser um lugar para bandido, para aqueles bandidos de nível de morro, de nível de favela. Quantos que estudaram, que fizeram faculdade. Quantos rapazes, quantas moças - como aquela moça de São Paulo que fazia faculdade de Direito, cursava a faculdade de direito e de repente assassinou seus pais.

Hoje, como é que fica aquela mente? Como é que fica aquela criatura? Vamos então escarnecer, vamos então levá-la a loucura, vamos então humilhá-la, vamos então cobrar-lhe todos os dias. Será que dá recuperar aquela moça? Será que só o sofrimento, a lembrança que ela tem todos os dias do que ela fez com seus próprios pais já não é uma tortura? Claro, tem que ficar presa. Eu concordo. Como o Major Roberto colocou, falando da palavra de Deus, a palavra de Deus

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

é uma espada, é uma espada de dois gumes, ela serve para o bem e para o mal; ela serve para ajudar, como também serve para repreender.

Eu acho que toda pessoa que comete erros, primeiro precisa ser despertada para não errar, mais uma vez erra. Se ela errou, eu acredito que pode ser corrigida. Eles estão ali para serem corrigidos, não para serem mal tratados. Eu acho que a própria vida maltrata as pessoas, e acho que nós precisamos de mais pessoas que tenham consciência, pessoas que tenham mais temor a Deus, para fazer esse trabalho.

Quero parabenizar, também, o Coronel Jarbas, o Coronel Martins e todos os senhores que têm trabalhado. O Pastor Osvaldo, eu cheguei lá na terça-feira e ele estava trabalhando, trabalho árduo, duro, no sol, estava dedicando as suas horas ali em prol daquelas pessoas.

Eu quero agradecer aos senhores, e tenho certeza de que essa Audiência Pública teve valia e não foi em vão. Essas palavras não voltarão vazias, elas ficarão pregadas em algum lugar. Eu tenho certeza de que, de um modo geral, aquelas pessoas que estão presas serão recuperadas, nós vamos tomar medidas para isso. Eu me preocupo muito, aliás, eu tenho recebido pessoas que saem dos presídios e chegam no meu gabinete para pedir emprego. Eu já encaminhei duas delas, uma para o Secretário de Estado, para o COFIS para empregar essas pessoas.

Sei que é difícil. Ninguém dá emprego para elas, porque vão levantar seu passado e está lá: ex-presos, ex-detentos, cumpriu pena e etc. E ficou uma marca na vida daquela pessoa.

Nós precisamos mudar esse rótulo, se o nosso presídio, os presídios de Mato Grosso, mudarem a mentalidade, refletirá na hora de arranjar um emprego, porque eles não serão mais denominados presos. Eles serão denominados recuperados. É essa a intenção da nossa Ouvidoria, recuperar aqueles que estão lá e que aos olhos de muitos são irrecuperáveis.

Eu quero agradecer a presença de todos. Tem mais alguém que queira fazer alguma colocação? Coronel Jarbas? Pastor Osvaldo? Coronel Martins? Dona Odilza, quer usar da palavra?

Então, com a palavra a Sr^a Odilza Sampaio.

A SR^a. ODILZA SAMPAIO - Eu só gostaria de falar para aquele senhor, que até já esqueci o nome, que nós tentamos localiza-lo, porque quando vamos cobrar alguma coisa justa, nós temos que ter a família. Pois se nós não levarmos a família daquele detento junto, eles dirão: "qual o interesse de vocês se a família não está presente".

Entendeu? Então, o senhor pode nos procurar, nós estamos lá no mesmo local, para continuarmos o trabalho que estávamos fazendo com o senhor, no caso do seu irmão. O senhor sabe que o acusado, o suspeito por esse crime pelo qual o seu irmão está preso, já foi assassinado. E ele continua preso e a justiça ainda não viu isso.

Então, o senhor nos procure para começarmos de novo o nosso trabalho com o senhor.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Se alguém dos senhores quiserem fazer alguma pergunta à Mesa...
(NESTE MOMENTO, A ORADORA DIRIGE-SE AO MICROFONE)

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Diga o seu nome, por favor, mais uma vez e para quem dirigirá a pergunta.

A SR^a MARIA FÁTIMA DE CARVALHO - Meu nome é Maria Fátima de Carvalho. Eu gostaria de saber de todos da Mesa se essa Ouvidoria seria só para os presidiários adultos, ou se seria também para as famílias dos presidiários adolescentes. Porque os adolescentes precisam ser mais ouvidos. Eu sou mais a favor dos adolescentes, porque o meu trabalho na Igreja...

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DEBATER O SISTEMA PENITENCIÁRIO DO
ESTADO DE MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 29 DE MAIO DE 2003, ÀS 14:00
HORAS.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Eu não sei a experiência do Cel. José Bento Martins Filho. Ele vai explicar, ou melhor, vai falar da sua experiência.

O SR. JOSÉ BENTO MARTINS FILHO - Veja bem, quando nos referimos ao Sistema Prisional, Sistema Penitenciário, entende-se o pessoal adulto. Essa parte referente a adolescente, é da Secretaria de Justiça, mas ela está em outra Secretaria Adjunta.

Só fazendo um esclarecimento. Hoje, nós temos o Secretário de Justiça e Segurança Pública, o Dr. Célio Wilson, e três Secretarias Adjuntas dentro da Secretaria de Justiça: Uma Secretaria Adjunta de Justiça, uma Secretaria Adjunta de Segurança e uma Secretaria Adjunta do Sistema Prisional, na qual eu sou o Secretário.

Essa parte do menor e do adolescente não faz parte do Sistema Prisional. Ela faz parte dessa Secretaria Adjunta de Justiça.

Pelo que entendo, aqui, essa Ouvidoria é do Sistema Prisional. Esta dentro da Secretaria as duas partes, menor e adulto. Mas, o caso específico dessa Ouvidoria é do Sistema Prisional. Então, ela não vai atingir os adolescentes.

O SR. PRESIDENTE (NATANIEL DE JESUS) - Tem mais alguém? Alguma pergunta?

Não havendo mais perguntas, nós vamos encerrar a nossa Audiência Pública.

Foi explicado, aqui, que realmente os adolescentes necessitam de grande amparo, atenção, até mesmo por influência, porque a formação de caráter do adolescente é um caso sério e precisaria de um acompanhamento maior, mais eficiente, mais eficaz.

Nós vamos fazer o encerramento da nossa Audiência Pública, agradecendo a presença das autoridades; do Cel. José Bento Martins Filho; do Cel. Jarbas; do Pastor Osvaldo; da Sr^a Odilza Sampaio; da imprensa; enfim, agradeço a todas as senhoras e senhores presentes.

Vamos lutar bastante, batalhar. Quero, como Deputado e como membro da Comissão de Direitos Humanos, colocar-me à disposição dos Coronéis que estão trabalhando, que precisam muito da colaboração dos Deputados, do Estado e da colaboração de todos. Eu quero também me empenhar, quero também me colocar à disposição, mais uma vez do Coronel Martins e do Coronel Jarbas de Souza.

Declaro encerrada a presente Audiência Pública, agradecendo todos os senhores em nome da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso.

Equipe Técnica:

- Taquigrafia:

- Rosa Antônia de Almeida Maciel Lehr;
- Rosivânia Ribeiro de França;
- Rossana Valéria Guerra;
- Tânia Maria Pita Rocha;
- Aedil Lima Gonçalves;
- Cristina Maria Costa e Silva;
- Donata Maria da Silva Moreira;
- Ila de Castilho Varjão.

- Revisão:

- Denize Maria Soares Martins de Siqueira.